

NOTA DO EDITOR

Não é raro que aqueles que são habitados ou visitados pelo dizer da palavra poética reflitam sobre essa matéria fugidia, obreira que faz abeirar o insondável no persistente desafio pela procura de horizontes outros. Uma tal reflexão torna-se ainda mais premente em tempos que condenam a escuta dos ecos em que se desmultiplicam possibilidades e hipóteses de vida, preferindo as certezas que roubam ao pensamento a vitalidade da aventura e da meditação.

No presente livro de Cláudio Guimarães dos Santos, a poesia não é vista na imagem degradada que a reduz a uma expressão de emoções ou a narrativas pessoais de vida, mas como um apelo à passagem do plano ôntico ao ontológico, ou seja, ao plano onde ocorre a disponibilidade para nos interrogarmos sobre o enigmático sentido do ser.

Movida pelo poder de um dizer que cria contornos de visibilidade, a escrita do autor cruza com a inquietude interrogativa própria de quem se espanta e admira, abeirando o fundo filosófico da vontade de decifrar uma realidade que contudo mantém sempre o fundo misterioso do seu jogo de desvelamento e ocultação.

Cláudio Guimarães dos Santos mostra-se, neste livro, extremamente sensível à questão de saber que tempos são estes em que vivemos. E, de algum modo, é sob o pano de fundo da resposta que delinea esta pergunta — mas também no registro de uma melancolia própria dos momentos de balanço em que a consciência da finitude fala mais alto — que os poemas se vão sucedendo.

NOTE DE L'ÉDITEUR

Il n'est pas rare que ceux qui sont habités ou visités pour le dire de la parole poétique réfléchissent sur cette matière insaisissable, ouvrière qui s'approche de l'insondable dans le défi persistant de chercher d'autres horizons. Une telle réflexion devient encore plus pressante en ces temps qui condamnent l'écoute des échos dans lesquels se (dé)multiplient les possibilités et les hypothèses de la vie et qui préfèrent les certitudes qui volent, à la pensée, la vitalité de l'aventure et de la méditation.

Dans le présent livre de Cláudio Guimarães dos Santos, la poésie n'est pas vue en tant qu'image dégradée, qui la réduit à une expression d'émotions ou de récits personnels, mais elle conçue comme un appel au passage du plan ontique au plan ontologique, c'est-à-dire, au plan où s'avère la disposition de s'interroger à propos du sens énigmatique de l'être.

Mue par la puissance d'un dire qui crée des contours de visibilité, l'écriture de l'auteur croise l'inquiétude interrogative propre à celui qui s'émerveille, qui s'admire et qui s'approche du fond philosophique de la volonté de déchiffrer une réalité qui conserve néanmoins le mystérieux fond de son jeu fait de dévoilement et d'occultation.

Cláudio Guimarães dos Santos se montre, dans ce livre, extrêmement sensible à la question de savoir en quelle sorte d'époque nous vivons. Et, d'une certaine manière, c'est dans le cadre de la réponse qui délimite cette question — mais aussi dans le registre d'une mélancolie propre aux moments de bilan, où la conscience de la finitude parle plus fort — que les poèmes se succèdent.

A escolha do título “Tempos Ocos” para o poema inaugural do livro não é inocente: ele funciona como um enquadramento que marca o tom, o qual, de uma forma mais ou menos presente, vai ressurgindo ao longo da coletânea. Eis algumas passagens ou expressões que exemplificam o diagnóstico dos nossos tempos: *"nau sem rumo", "ignorar o inevitável da morte", "palavras sem sentido", "fluorescência das telas", "Escrevem, mas não leem, / Falam, mas não escutam, / E não se calam nunca", "Se viver sem ter sentido é a marca do nosso tempo", "Hoje, os deuses já partiram para o ocaso", "Por que a pressa indelicada destes dias? / Por que a fúria assim deselegante?"*.

Com efeito, muitos dos poemas são perpassados subliminarmente pelo tema do desequilíbrio entre o sagrado e o profano, ou seja, pelo esvaziamento da graça e do mistério que pauta a finitude humana, e a sua substituição por uma posição de consumo reduzida ao gozo de um efêmero que já não acolhe nem deslumbra. Por isso, o livro, repleto de referências a personagens do nosso legado cultural, contrasta frequentemente a grandeza que eleva o humano e a decadente errância a que a vida tantas vezes parece reduzida. Neste contraste é clara a preferência do autor por uma tradição humanista que enaltece as artes e a busca do impossível: *"Não te engajes em nada / Que não seja Arte pura / (Para sempre inalcançável)"*.

Se vivemos em tempos que se afiguram ocos, apocalípticamente esvaziados, e nos quais o esquecimento das origens foi consolidando uma vida sem promessa da qual o sentido se ausentou, nem por isso o poeta perde os pontos cardeais da sua bússola existencial. Na forma poética da sua meditação, ser e tempo estão irmanados

Le choix du titre "*Temps Creux*" pour le poème inaugural du livre n'est pas innocent: il sert de mesure qui marque le ton, lequel, d'une manière plus ou moins présente, va ressurgir tout au long du recueil. Voici quelques passages ou expressions qui font exemple pour le diagnostic de notre temps: "*nef sans destin*"; "*ignorer l'inévitabilité de la mort*"; "*mots dépourvus de sens*"; "*fluorescence des écrans*"; "*Ils écrivent, mais ne lisent pas, / Ils parlent, mais n'écoutent pas, et ne se taisent jamais*"; "*Si la vie sans aucun sens c'est la marque de notre temps*"; "*Aujourd'hui, les dieux sont déjà partis vers le crépuscule*"; "*Pourquoi la hâte indélicate de ces jours? / Pourquoi cette furie si inélégante?*".

En effet, beaucoup de poèmes évoquent, de manière subliminale, le thème du déséquilibre entre le sacré et le profane, c'est-à-dire, le dégonflage de la grâce et du mystère qui règlent la finitude humaine et son remplacement par une position de consommation qui, elle, se borne au plaisir d'un éphémère qui n'accueille ni n'émerveille plus. C'est pourquoi, ce livre, plein de références à des personnages de notre héritage culturel, met souvent en contraste la grandeur qui élève l'humain avec l'errance décadente à laquelle la vie semble si souvent réduite. Dans ce contraste, il devient claire la préférence de l'auteur pour une tradition humaniste qui célèbre les arts et la quête de l'impossible: "*Ne t'engage en rien / Qui ne soit pas l'Art pur / (À jamais inaccessible)*".

Si nous vivons dans des temps qui semblent creux, vidés d'une manière apocalyptique, dans lesquels l'oubli des origines a consolidé une vie sans promesse dont le sens a pris congé, le poète, lui, ne perd pas, à cause de cela, les points cardinaux de sa boussole existentielle. Dans la forme poétique de sa méditation, l'être et le temps

e, se o presente é filho do passado e do futuro, então o valor da memória assoma como constitutivo do sentido do humano caminhar. E, quem diz memória, diz também origem, uma categoria necessária ao lastro das narrativas com que damos contorno ao acolhimento das realidades passadas e presentes, e preservamos, sem dele desistir, o misterioso porvir: *"Como será, / Num futuro que, espero, está distante, / O tempo em que meu filho não terá mais pai?"*.

Para concluir estas breves — e certamente insuficientes — palavras sobre a presente obra do poeta Cláudio Guimarães dos Santos, impõe-se dizer que, representando este belo e consistente livro uma incursão pela palavra poética feita a partir de uma grandeza tecida de humildade e de uma reflexão que reconhece os limites da finitude humana, nem por isso ela deixa de estar eivada de uma vitalidade simultaneamente amadurecida e esplendorosa que nos convida a ousar — e que eu, como orgulhoso editor, vos convido a desfrutar.

Rui Grácio
(Coimbra, julho de 2018.)

* * *

sont unis — et, si le présent est le fils du passé et du futur, alors la valeur de la mémoire ressort comme constitutive du sens de la marche humaine. Et qui dit mémoire dit aussi origine, une catégorie nécessaire au support des récits à l'aide desquels nous esquissons l'accueil des réalités passées et présentes, et préservons le futur mystérieux sans y renoncer: *"Comment sera, / Dans un futur qui (je le souhaite) est encore distant, / Le temps où mon fils n'aura plus de père?"*.

Pour conclure ce court texte — certainement insuffisant — sur l'œuvre actuelle du poète Cláudio Guimarães dos Santos, il faut dire que ce livre beau et substantiel représente une incursion dans la parole poétique faite à partir d'une grandeur tissée d'humilité et d'une réflexion qui reconnaît les limites de la finitude humaine, une incursion qui ne laisse pas, à cause de cela, d'être imprégnée d'une vitalité à la fois mûre et splendide, qui nous invite à l'audace — et dont personnellement, en tant qu'éditeur et fier de l'être, je vous invite à profiter.

Rui Grácio
(Coimbra, Juillet 2018.)

* * *